

O *logos* segundo o pensamento de Joseph Ratzinger/Bento XVI: uma reflexão introdutória

The logos according to Joseph Ratzinger/Benedict XVI's thought: an introductory reflection

ARIADINI SILVA DA CUNHA*
MICHELLE FIGUEIREDO NEVES**

Resumo: A compreensão sobre o conceito de *logos* constitui um dos pontos centrais do pensamento teológico de Joseph Ratzinger/Bento XVI que, a partir do Evangelho de São João, fundamenta a seguinte verdade: Jesus é o próprio *Logos*, que dá sentido a todas as coisas. Este estudo introdutório está delimitado aos compêndios *Introdução ao Cristianismo*: preleções sobre o Símbolo Apóstólico (1968) e aos tomos da obra *Jesus de Nazaré: A Infância de Jesus* (2012) e do batismo no Jordão à transfiguração (2007). Demonstra, em linhas gerais, como o vocábulo grego *logos* é compreendido em diversas correntes do pensamento filosófico. Aborda o tema segundo os escritos neotestamentários, especialmente nos livros de autoria joanina, atestando o termo *logos* como inserido no Mistério da Salvação. Joseph Ratzinger/Bento XVI corrobora com o fato de a face real de Jesus Cristo ser marcada pelo princípio que ordena o cosmos e a razão, unindo toda a existência a Si, conferindo-lhe sentido real.

Palavras-chave: *Logos*. Joseph Ratzinger. Bento XVI. Evangelho de São João.

* Ariadini Silva da Cunha é mestranda em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Bacharel em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). Contato: ariadinisilva@gmail.com

** Michelle Figueiredo Neves é mestranda em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Contato: michellefigueiredoneves@gmail.com

Abstract: The comprehension of the concept of *logos* is one of the central points of Joseph Ratzinger/Benedict XVI's theological thought, which, based on the Gospel of Saint John, establishes the following truth: Jesus is the *Logos* himself, who gives meaning to all things. This introductory study is limited to the compendia "Introduction to Christianity: lectures on the Apostolic Symbol" (1968) and the volumes of the work "Jesus of Nazareth: The Childhood of Jesus" (2012) and "from the baptism in the Jordan to the transfiguration" (2007). It demonstrates, in general lines, how the greek word *logos* is understood in different philosophical movements. It addresses the theme according to the New Testament writings, especially in those books written by John, which demonstrates the term *logos* to be inserted in the Mystery of Salvation. Joseph Ratzinger/Benedict XVI corroborates the fact that the real face of Jesus Christ is marked by the principle that orders the cosmos and reason, uniting all existence to Himself, giving it real meaning.

Keywords: *Logos*. Joseph Ratzinger. Benedict XVI. Gospel of Saint John.

Introdução

A compreensão sobre o conceito de *logos* constitui um dos pontos centrais do pensamento teológico de Joseph Ratzinger/Bento XVI, que defende que a dimensão mística da concepção de Deus "precisa caracterizar nitidamente o nosso pensamento e a nossa fé" (RATZINGER, 2015, p. 21).

Suas reflexões sobre o tema, a partir do Evangelho de São João, fundamentam a seguinte verdade: Jesus é o próprio *Logos*, que dá sentido a todas as coisas. Esta ideia perpassa toda a sua coletânea, inclusive de forma manifesta, na carta encíclica "*Deus Caritas Est*". Este estudo introdutório se delimitará aos compêndios *Introdução ao Cristianismo*: preleções sobre o Símbolo Apóstólico (1968) e aos tomos da obra *Jesus de Nazaré: A Infância de Jesus* (2012) e do batismo no Jordão à transfiguração (2007)¹.

Iniciamos o presente ensaio expondo, em linhas gerais, como o vocábulo grego *logos* é compreendido em diversas correntes do pensamento filosófico, de forma a fundamentar as razões pelas quais o cristianismo descarta a influência de uma doutrina gnóstica, mas incorpora várias noções filosóficas, tanto nos livros sapienciais, quanto no Evangelho, segundo São João e confere ao termo um novo significado.

1 Referente à obra *Introdução ao Cristianismo*: Preleções sobre o Símbolo Apóstólico (1968), nos detemos ao prefácio do ano de 2002 e aos capítulos três e quatro da primeira parte central - Deus. Na obra *Jesus de Nazaré*, no tomo referente à *Infância de Jesus*, tomamos como base o capítulo um e no tomo referente ao batismo no Jordão à transfiguração (2007), o capítulo oitavo. Os ensinamentos, oferecidos em outras obras e documentos de Joseph Ratzinger/Bento XVI, foram consultados na medida em que pareceram pertinentes à complementariedade e ilustração do seu pensamento, importantes para alcançar o objetivo estabelecido acima.

Abordar o tema segundo os escritos neotestamentários, especialmente nos livros de autoria joanina, visa ratificar a originalidade da compreensão veterotestamentária, acerca da revelação divina e que, conseqüentemente, cristaliza a ideia de que no *logos* está inserido todo o Mistério da Salvação.

Ao percorrer os caminhos da filosofia e dos escritos bíblicos, acreditamos ser possível compreender o que Joseph Ratzinger/Bento XVI, entende ser a face real de Jesus Cristo, cuja natureza tem por princípio ordenar o cosmos e a razão, unindo toda a existência a Si, conferindo-lhe sentido real.

1 O uso da palavra *logos* na filosofia grega

Logos é conceito central da filosofia grega e assume significados diversos nas diferentes correntes filosóficas. Na filosofia pré-socrática, encontramos, em Heráclito, o entendimento de que *Logos* é o princípio cósmico subjacente ao fogo, em analogia à capacidade deste elemento de fundir ou quebrar o elo entre as coisas. É o princípio da vida e da inteligência para os seres humanos, porque a razão, ou o equilíbrio são a fonte de todas as coisas (cf. SPRINGSTED; ALLEN, 2010, p. 45), e está associado à ideia de “inteligência ou razão humana, voltada para o conhecimento do real” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 121).

Após Heráclito, Platão, a partir da “Ideia de bem”, que dá aos objetos do intelecto sua verdade e à pessoa que capta a verdade deles o poder do saber, sendo esta a natureza essencial da Bondade, entende, nas palavras de Springsted e Allen (2010, p. 58), que a felicidade perfeita é conhecer o padrão supremo sobre o qual o mundo é modelado. Logo, a suprema bondade do mundo, que nos atrai poderosamente, é só reflexo do verdadeiro bem sobre o qual ele é padronizado.

Na antiguidade tardia, a “Ideia de bem” é retomada por Plotino, para expressar uma realidade intermediária entre Deus e o mundo, na qual, ainda nos dizeres de Springsted e Allen, Deus é o bem do qual todas as coisas derivam o seu ser e há um universo de seres não sensíveis entre os seres encarnados e Deus (SPRINGSTEAD; ALLEN, 2010, p. 65).

Isto significa que os seres humanos têm o poder de conquistar um conhecimento satisfatório da realidade, incluindo as coisas divinas, sem uma revelação. Tal capacidade não é simplesmente mental e requer purificação ou virtude. Todavia, para alcançar o ideal de conciliar Aristóteles e Platão, o pensador compreende que acima da Mente e das Ideias há o Um, para além do ser, e nada pode ser dito sobre ele literalmente, nem mesmo o que é (SPRINGSTEAD; ALLEN, 2010, p. 93-94).

Aristóteles e os estoicos fazem uso das expressões *logos apophantikós* e *logos spermatikós*, respectivamente, para falar da manifestação de algo verdadeiro ou falso que está no pensamento e como princípio divino, criador e

ativo, do qual depende toda a realidade. Destacamos que a filosofia estoíca, que compreendia o *logos* como princípio divino que penetra e sustenta o mundo, tornou-se bastante popular:

Os estoícos veem a providência como a bondade imutável de toda a ordem natural, tanto física quanto humana, de modo que em todos os tempos, nós podemos louvar a ‘Deus’ por sua bondade e, fazendo bom uso de nossas capacidades, perceber nosso potencial e suportar as adversidades (SPRINGSTEAD; ALLEN, 2010, p. 87).

Esta breve explanação se deve ao reconhecimento da importância de entender o termo, tal como fora empregado na filosofia grega, sua aplicabilidade e penetração no cristianismo. Dizemos isto porque alguns autores, como Reitzenstein, Schaeder, Bousset, Bultmann, opinaram, no sentido de que tanto o evangelho de João, como a doutrina sobre a sabedoria nos livros sapienciais, tiveram a sua raiz numa doutrina comum gnóstica (BORN, 1977, p. 898-899).

Alguns autores ainda veem uma proximidade entre os escritos joaninos e a doutrina de Filon de Alexandria – que acentuava a igualdade de essência entre o *logos* e o Pai. Todavia, verifica-se que o evangelista João empregou a palavra num outro sentido, contrapondo-se às ideias gnósticas existentes na Ásia menor, muito presentes nos textos deste autor (cf. Cl 2,18; 1Tm 1,3s. Tt 1,14; 3,9) (cf. BORN, 1977, p. 898-899).

É importante registrar a ausência de textos gnósticos como fonte do quarto Evangelho, mas no sentido contrário, há vários registros gnósticos que dependem do prólogo joanino. João usa o termo para formular as suas próprias ideias teológicas (BORN, 1977, p. 898-899). Ou seja, não só para dialogar com a cultura da época, como também para auxiliar no próprio desenvolvimento da doutrina cristã.

Como veremos mais à frente, Ratzinger aprofunda o entendimento da palavra *logos* no âmbito do cristianismo, ao considerar todas estas acepções originárias da palavra. Todavia, deixa claro que, se os gnósticos pensavam numa dimensão ora totalmente materialista, ora totalmente transcendente, o cristianismo conjuga estas duas faces em Cristo.

2 O uso da palavra *logos* na Sagrada Escritura

A palavra *logos* é empregada, frequentemente, no Novo Testamento, contudo, há apenas três lugares nos quais o sentido cristológico de *logos* é identificado, expressamente: Ap 19,13; 1Jo 1,1 e no prólogo do quarto Evangelho: Jo 1,1.2.14. (BORN, 1977, p. 898-899).

Em Ap 19,13, Cristo é chamado de “*logos* de Deus”. Segundo Born (1977, p. 898-899), citando J. Dupont, a palavra *logos* está relacionada à palavra vingadora de Deus no AT, como o cavaleiro divino que deveria ser identificado como o anjo do extermínio (Sb 18,1-16; Ex 12,23; 1Cr 21, 16;

Sl 2,9; Is 11,4; 49,2). Seria uma função escatológica de Cristo (Ap 19,15) ser a imagem da espada que sai da boca da “Palavra de Deus” (v. tb. Ef 6,17; Hb 4,12; Ap 1,16; 2,12) e não o *logos* como revelador. Para G. Kittel, ainda segundo Born (1977, p. 898-899), a palavra *logos* seria empregada como resultado final de todas as tentativas do Novo Testamento para ver Cristo como realização definitiva da Palavra de Deus (v.11), “fiel e verdadeiro” e o nome, “Amém” (Ap 3,14).

Na perícopre de 1Jo 1,1, Cristo é chamado “a palavra da vida”. Desta forma, podemos fazer uma relação direta com o Deuteronomio, onde a “palavra de Deus”, como revelação, é repetida várias vezes para indicar a (verdadeira) “vida” (Dt 4,2; 30,14s; 32,47). Ainda neste contexto, Cristo é chamado “a vida” (1Jo 1,2; 5,20; 11,25; 14,6).

A dependência literária entre 1Jo e o prólogo do quarto Evangelho é geralmente aceita, levantando a suposição de que o termo *logos* fora usado anteriormente, em outro escrito. Outra suposição, conforme Born (1977, p. 898-899), é que a construção irregular da frase sugere uma hesitação de João, ao falar sobre “o *logos*” como sobre um homem, em cuja intimidade viveu, o que nos leva ao Prólogo do Evangelho de João.

No prólogo do 4º Evangelho, somente no primeiro versículo a palavra *logos* é citada por três vezes, sem outra determinação que possa divergir da indicação de uma preexistência ao longo do evangelho joanino. Nas passagens de Jo 1,1; 3,13; 6,32-62; 8,23-58; 16,28; 17,5-24, a noção grega de *logos*, como pensamento criador de Deus, é empregada em um sentido análogo às passagens de Sl 119,89s e Sb 9,1s.

Em João 1,4, há uma substituição da noção tradicional da sabedoria pela de *logos* como palavra vivificadora, o que pode ser verificado, também, nos textos de Sl 33,6,9; 148,5; Eclo 42,15; Pv 8,35; Jt 16,17. Na passagem de Jo, 1,14, atesta-se o rompimento com uma possível visão gnóstica, quando fala do verbo feito carne, que vem habitar entre nós e se torna visível. Em Jo 1,18, Jesus é o revelador de Deus e, tal como em Jo 1,1, é o próprio Deus. A perspectiva de Jesus como revelador e, mais explicitamente, como o próprio Deus, encontra-se também em Jo 12,44-46; 14,9 e nas passagens 2Cor 4,6; Cl 1,15.

Conforme se pode observar, na formulação de São João, a palavra *logos* indica a própria natureza de Cristo e considera a evolução da noção veterotestamentária da revelação divina. Isto indica que o *logos* não é só a atitude de reunir algo, ou princípio exterior, que dá sentido a uma ação. Cristo é o *logos*, por ser preexistente e pessoa divina visível.

A palavra *logos* encontra outras menções nos escritos neotestamentários, mas não conforme o sentido joanino. Os sinóticos empregam o termo *logos* para “a boa nova” (Mc 2,2; 4,33; 16,20; Lc 1,2; 5,1), ainda que com alguma reserva. No livro dos Atos dos Apóstolos, o termo ocorre doze vezes no sentido de Evangelho (4,4; 6,4; 8,4; 10,44; 11,19; 14,25; 16,6; 17,11; 18,5; 19,20), e em outros lugares, a expressão é usada como “a mensagem do Senhor” (8,25;

13,48s; 14,42; 15,35s; 19,20), ou “mensagem de Deus” (4,31; 6,2; 8,4-14; 11,1; 13,5.7.44.46; 17,13;18,11). Numa alusão ao Sl 106,20, Deus “envia o seu *logos*”, “anunciando a paz por Jesus Cristo” (At 10,36) (cf. Born 1977, p. 898-899).

Em São Paulo, a mensagem do Evangelho também é indicada pelo termo *logos* (1Ts 1,6) “*logos* do Senhor” (1,8), “*logos* de Deus” (2,3). Na passagem de Cl 1,25-27; 4,3, Paulo fala que Deus revela a sua palavra. Verifica-se uma relação importante entre o quarto Evangelho e os escritos atribuídos a Paulo, no tocante ao uso de formulações equivalentes, nos seguintes textos: Jo 8,31; 1Jo 2,14; Jo 6,56; 15,4-7; 1Jo 4,15s.

O texto de Fl 2,16, que fala em ostentar a Palavra de vida, merece destaque, pois encontra similaridades com 1Jo 1,1 e Jo 1, 18, se considerarmos que o Novo Testamento aplica o termo a todo o mistério da Salvação em Cristo (como objeto do *logos*). Jesus é o supremo revelador de Deus invisível (Jo 1,18) e, ao mesmo tempo, uma pessoa que comunga da mesma essência do Pai, o conteúdo objetivo da revelação (cf. Born, 1977, p. 898-899).

A afirmação de Cristo como *logos*, trata de um aspecto único, encontrado no Novo Testamento, sendo fundamental para compreender a cristologia joanina, que vê Jesus como centro do Antigo Testamento, colocando-o em Deus, identificando-o com a Sabedoria (TUNÍ, 1999. p. 103), e legitimando aquilo que ele mesmo diz a seu respeito: “Antes que Abraão existisse, Eu Sou” e que as Escrituras dão testemunho dele (cf. Jo 8,57;5,39).

Portanto, falar em *logos* é falar da preexistência de Jesus, da trindade imanente, que se revela e continua a se revelar pela ação do Espírito. Desta forma, podemos dizer que especialmente os escritos joaninos estabelecem uma relação com o texto de Gn 1,1-13, no qual Deus tudo cria a partir da Palavra (latim: *verbum*; hebraico: *dabar*).

Ao falar que “o Verbo era Deus” e “No princípio, ele estava com Deus” (cf. Jo 1,1c-2), o apóstolo João enfatiza a divindade de Cristo, fazendo-o, também, quando diz que “Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,3), pois assim atesta a presença de Cristo na criação do mundo, ou seja, sua preexistência. Isto nos leva a outras passagens da Escritura, como Cl 1,15-20; Ef 1,10; 1Cor 8,6, que falam de Cristo como “imagem do Deus invisível”, pelo qual “foram criadas todas as coisas”, “por quem tudo existe e para quem caminhamos”²

Cristo é princípio, por ser palavra criadora e verdadeira, confere sentido a tudo que existe, “é eflúvio do poder de Deus, uma emanção puríssima da glória do Onipotente”, no qual nada de impuro se introduz (Sb 7,25), “reflexo da luz eterna, espelho nítido da atividade de Deus e imagem de sua bondade” (Sb7,26), que tudo pode e, mesmo sem mudar, tudo renova (cf. Sb 7,27; Sl 102(103),27; Sl 104(105), 30).

2 cf. nota de rodapé referente ao v. Jo 1,1 – Bíblia de Jerusalém

Os conceitos filosóficos sobre o *logos*, citados anteriormente, deixam claro que João, no Evangelho e nos demais escritos, assim como em outras passagens da Sagrada Escritura, dialoga com as correntes filosóficas de sua época, afirmando, não só a preexistência do *logos*, isto é, a natureza divina de Cristo, como também a sua natureza humana.

3 O pensamento de Joseph Ratzinger sobre a palavra Logos

Na obra de Joseph Ratzinger encontramos, constantemente, menções à palavra *logos*. Em *Introdução ao Cristianismo*, o autor preocupa-se em resgatar o significado histórico da palavra, tal como empregada pelos filósofos, para indicar como o cristianismo confere sentido pleno àquilo que a razão conseguia perceber de forma velada.

Em *Infância de Jesus*, retoma o termo para falar da Encarnação do Verbo (RATZINGER, 2012, p. 19) e na obra de Jesus de Nazaré: do Batismo no Jordão à Transfiguração, adentra nos meandros do Evangelho de João. Nesta última obra, dedica um capítulo inteiro, intitulado *As grandes imagens de São João* (RATZINGER, 2013, p. 193-246), para colocar em pauta todas as discussões comentadas a respeito das influências gnósticas e questionamentos quanto à autoria, levantados pela exegese moderna, assim como discorrer sobre as imagens presentes nos discursos joaninos, para falar sobre o *logos* encarnado que recapitula todas as coisas, através do mistério pascal.

3.1 O Logos na obra *Introdução ao Cristianismo*

Na obra *Introdução ao Cristianismo*, o autor busca distinguir como a opção da Igreja primitiva em dialogar e extrair termos da filosofia, para explicar a crença no Deus uno e trino, ainda influencia na compreensão da profissão de fé, na contemporaneidade.

Ratzinger fala do dom e da tarefa do cristianismo e da Igreja em sempre reforçar a escolha realizada a cada nova situação espiritual. Isto quer dizer que, constantemente, em todas as épocas, até o fim dos tempos, a tarefa da Igreja será sempre apresentar Cristo como o *logos* encarnado, a Palavra criadora, de modos diversos, conforme o tempo, sempre acompanhando a história.

Decididamente, a Igreja primitiva pôs de lado todo aquele cosmo das religiões antigas, pois via nele apenas ilusão e engano; em seu lugar colocou a sua própria fé que era explicada do seguinte modo: quando falamos em Deus, não veneramos nem pensamos em nada disso; o objeto de nosso culto é tão somente o próprio ser, aquilo que os filósofos destacaram como o fundamento de todo o ser, o Deus acima de todas as potências – esse é o nosso único Deus. (...) Essa opção significava a opção pelo *logos*, contra todos e qualquer mito, ou seja, a desmitologização definitiva do mundo e da religião (RATZINGER, 2015, p. 103-104).

O Deus cristão não é um deus entre outros. Ele é o Deus apregoado pelos filósofos, mas que os próprios acabavam por limitar o acesso. Apesar de considerá-lo como um ser supremo, entendiam que só poderia ser encontrado por aqueles que viviam e alcançavam a dimensão transcendente. Desconsideravam que Deus toma a iniciativa de revelar-se, antes mesmo que o homem clame por sua manifestação, não estando limitado às práticas ou especulações a respeito de sua pessoa. Por mais que o ser humano se esforce em compreender a natureza divina, o mistério escondido só se manifesta a quem, de fato, Deus quer se revelar. (cf. Cl 1,26; Ef 3,3-5)

O cristianismo compreendeu a necessidade de ir além do que as religiões antigas propunham aos seus seguidores. Não bastava discorrer sobre hábitos sociais, pois o cristianismo sentia-se compelido a se comprometer com a verdade do ser, conjugando a fé e a razão. A fé cristã ultrapassou o caráter cultural ao incorporar uma nova forma de vida, que incluía todas as dimensões do ser, especialmente a vida em comunidade.

Outro ponto que Ratzinger enfatiza, ao falar da opção da fé cristã pelo Deus dos filósofos, na obra *Introdução ao Cristianismo*, reside na experiência dialógica de Deus, que adentra a história do ser humano para “revelar o homem ao próprio homem” (GS 22) e também quem é o próprio Deus.

Esse Deus tem um coração, ele ama com toda a excentricidade típica de uma pessoa que ama. Dessa maneira revela-se nesse texto, a transformação do pensamento puramente filosófica, e descobrimos o quanto continuamos, na verdade, anteriores a essa identificação do Deus da fé e do Deus dos filósofos: não somos capazes de alcançá-la; e é por isso que a nossa imagem de Deus e o nosso entendimento da realidade cristã estão fadados ao fracasso (RATZINGER, 2015, p. 109).

Ao compreender a sua dimensão relacional e dialogal com o ser humano, o Deus dos filósofos, tido como a verdade por excelência e o fundamento de todo o ser, passou a ser também o Deus dos homens. Para explicitar esta visão, o teólogo cita Hölderlin:

O espírito ilimitado, que traz em si a totalidade do ser, ultrapassa o ‘máximo’ de tal forma que este se torna insignificante para ele, e ele penetra até o ínfimo porque para ele nada é pequeno demais.” Ou seja, “parâmetros quantitativos são deixados para trás; aparecem outras ordens de grandeza, segundo as quais o infinitamente pequeno abarca realmente tudo, sendo ele o verdadeiramente grande (RATZINGER, 2015, p. 109).

Esta visão, num primeiro momento, pode significar que o pensamento puro é maior que o amor. Porém, para Ratzinger, é justamente neste ponto que a mensagem do Evangelho e a imagem cristã de Deus corrigem a filosofia: o pensamento absoluto é criativo, porque é amor. O Deus dos filósofos é o Deus

da fé, pois é também abertura criadora, que abrange o todo, não está fechado em si mesmo, mas se relaciona com o ser humano.

Isto supera a visão de um Deus distante e que é puro pensamento, ao qual o homem, por si só, pode chegar pela introspecção, para tornar-se o Deus da fé cristã que a todo instante busca o homem, sem deixar de ser Deus, pois Ele é o próprio amor encarnado. O *logos* é pensamento em forma de amor, e amor em forma de pensamento. É divino, absoluto e único.

Deus, que é *logos*, estabelece uma relação com o ser humano que abrange razão, sentido, palavra e relação com Ele próprio, com os homens e com a criação. Ao homem é tutelada a racionalidade que, conseqüentemente é adequada a Deus, ou seja, o mundo e tudo o que nele há, vem da razão, que é pessoa, é amor, é Deus. Por conseguinte, a razão, manifesta na fé bíblica, pode e deve falar de Deus, que, como Criador, se manifesta em sua criação e dá direção e medida à ação do homem.

Destacar a fé em Deus desta perspectiva relacional obstrui o caminho da razão e priva o *ethos* de sua base, pois tudo o que existe é fruto de uma razão criadora, expressa no ser humano, como resposta à Palavra. Desta forma, não pode ser confundida com um mero regramento ou se restringir ao cômputo dos efeitos.

A fé cristã compreende a própria existência, como uma resposta à Palavra, ao *logos* que sustenta e conserva todas as coisas. Ao mesmo tempo, é adesão ao primado do invisível e do real verdadeiro, que não pode ser produzido pelo homem, mas somente aceito na confiança de que “nos sustenta e nos capacita a enfrentar o visível, com serenidade plácida, com atitude de responsabilidade ante o invisível, como verdadeiro fundamento de todas as coisas” (RATZINGER, 2015, p. 55).

Se o termo *logos*, ou seja, a palavra do início, a razão e o amor criadores, define a imagem cristã de Deus, e se o conceito de *logos* constitui, ao mesmo tempo, o centro da cristologia e da fé em Cristo, então se trata apenas de mais uma confirmação da inseparabilidade entre fé em Deus e a fé em seu Filho, Jesus Cristo, feito homem (RATZINGER, 2015, p. 22).

Por isso, o Símbolo Apostólico recorre à figura do Pai e do Todo-Poderoso, unindo-as em uma só expressão. Essa une dois símbolos atemporais para exprimir a fé cristã, algo que as religiões míticas não conseguiam e, por isso, acabavam por tornar a prática mais importante que a mudança de vida: “Mas algo que necessita de interpretação, para continuar existindo, na verdade, já deixou de subsistir” (RATZINGER, 2015, p. 106).

Desta forma, a fé cristã abarca todas as interpretações que se pode ter a respeito do *logos*: “o pensamento, a liberdade, o amor não está apenas no fim, mas também no início, que ele é o poder que dá origem a todo ser que o envolve.” (RATZINGER, 2015, p. 113) Porque, como diz Ratzinger (2015, p. 116), “o mundo é espírito objetivo; ele se apresenta a nós numa estrutura

espiritual, ou seja, ele se oferece ao nosso espírito como algo que podemos repensar e entender”.

Ratzinger atesta que a fé cristã entende o primado do *logos* como conceito essencial da criação, pois abre espaço para a liberdade de crer ou não crer em Deus. Porém, ao mesmo tempo, não esquece que Ele é a Verdade e conduz a Verdade, que é Ele mesmo. Deus não é e nem produz uma verdade abstrata, desencarnada, mas é e dá sentido à vida humana e a toda a existência.

Identifica-se uma transposição da realidade individual, de um Deus isolado para um Deus que se relaciona, que é pessoa: “a fé cristã é também e sobretudo uma opção pelo ser humano como ser irredutível relacionado com o infinito. E nesse aspecto, exprime-se uma outra opção, a pelo primado da liberdade sobre a necessidade das leis naturais do cosmos” (RATZINGER, 2015, p. 118).

3.2 O Logos na obra Jesus de Nazaré

Dividida em três tomos, a proposta de Joseph Ratzinger, ao escrever a obra *Jesus de Nazaré*, é superar a visão dicotômica construída a partir dos anos 1950 entre o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé”. Realiza sua análise a partir do pressuposto da comunhão de Jesus com o Pai, “a qual é o centro autêntico da sua personalidade, sem a qual nada se pode compreender e a partir da qual Ele se torna presente para nós hoje” (RATZINGER, 2007, p. 9-11).

No tomo correspondente à infância de Jesus, o teólogo alemão compreende Cristo na sua existência humana, como o Verbo eterno do *logos* divino neste mundo. Ele é a causa primeira de onde tudo provém. É Deus, e por isso princípio, que inaugura um novo modo de ser dos homens: “a nossa verdadeira ‘genealogia’ é a fé em Jesus, que nos dá uma nova proveniência, faz-nos nascer “de Deus” (RATZINGER, 2012, p. 19-20).

Deus se relaciona e ao mesmo tempo cria todas as coisas. Portanto, se todas as coisas procedem do Espírito criador de Deus, que é razão, pessoa e amor, conforme a fé bíblica atesta, Ele é o fundamento de todas as coisas. Nele podemos confiar, não de uma maneira matemática, mas a partir das perspectivas presentes no prólogo do Evangelho, segundo São João (1,1-14), que, segundo Ratzinger “ampliou a resposta à pergunta sobre a origem de Jesus, fazendo dela a definição da existência cristã” (RATZINGER, 2012, p. 19-20).

Este mesmo pensamento Ratzinger elaborou na obra *Introdução ao Cristianismo*:

Se o termo *Logos*, ou seja, a palavra do início, a razão e o amor criadores, define a imagem cristã de Deus, e se o conceito do *Logos* constitui, ao mesmo tempo, o centro da cristologia e da fé em Cristo, então se trata apenas de mais uma confirmação da inseparabilidade entre fé em Deus e a fé em seu Filho, Jesus Cristo feito homem. Não haveremos de

compreender melhor Jesus e de chegar mais perto dele, colocando a sua divindade entre parênteses (RATZINGER, 2015, p. 21).

Ratzinger compreende que Deus é o fundamento e a possibilidade de toda fala sobre Ele mesmo (RATZINGER, 2007, p. 91). Assim sendo, importa que se atente a alguns aspectos essenciais ao tratar do tema, dentre eles, anunciá-lo como *logos*. O teólogo parte do conceito de “Criador”, que “tem força de um sim universal”. Como Criador, Deus é a origem, a medida e tem o domínio sobre todas as coisas. Portanto, é o Senhor de tudo o que existe e isto tem um significado concreto: “não é só no âmbito da razão teórica que a criação se encaminha para ele; ela o faz também no campo da razão prática”. Isso quer dizer que: “na consciência, no saber silencioso do homem unido ao fundamento mais íntimo da criação, o Criador está presente ao homem como Criador” (RATZINGER, 2007, p. 95).

Anunciado como *logos*, a fala sobre Deus é ampliada, segundo Ratzinger. O autor entende que o proêmio do Evangelho segundo São João, em seu primeiro versículo, resume todo o capítulo do Gênesis, ou seja, tudo o que existe vem do *logos*, ele é a força criadora e o espírito que se sobrepõe e confere sentido a todos os fatos.

Segundo o teólogo alemão, isso pressupõe que ele precede a existência das coisas, logo, “não é uma função da nossa ação, mas a condição que a torna possível”, o que amplia o seu alcance, se consideramos aquilo que o mundo é hoje e o que será no futuro, e que, na visão de Ratzinger, expõe a essência daquilo que é o homem e o mundo: “produto de um sentido criador e capacitado, mesmo para conferir sentido criativamente, na coexistência com o sentido que simplesmente existe” (RATZINGER, 2007, p. 95).

No tomo que trata da vida pública de Jesus de Nazaré – do Batismo no Jordão à Transfiguração, Ratzinger dedicou um capítulo especial às grandes imagens de São João (RATZINGER, 2013, p. 193-246). A forma singular com a qual o Evangelho de João foi construído, segundo Ratzinger, levou a moderna pesquisa crítica a negar a historicidade do texto, exceto os relatos da Paixão e alguns episódios, considerando-o como “uma reconstrução teológica posterior”, além de datá-lo de forma tardia, apesar das descobertas de papiros do Egito, datados do início do século II (RATZINGER, 2013, p.194).

Contrário à tese de Bultmann, que afirma ser a ideia do *logos* absoluto uma concepção que não brota da encarnação do redentor, mas um pensamento advindo da gnose e incorporado pelo cristianismo (BULTTMANN, 1941, apud RATZINGER, 2013, p. 194), o teólogo Ratzinger apresenta as argumentações de Hengel, que entende não existirem fontes que corroborem com o mito do redentor gnóstico, e que o movimento espiritual só alcançou desenvolvimento pleno no século II. Por conseguinte, a influência gnóstica presente no evangelho de João, alegada por Bultmann, não apresenta evidências plausíveis, principalmente quando confrontado com a pesquisa contemporânea, a qual demonstra o autor do evangelho joanino como um profundo conhecedor

da Palestina no tempo de Jesus e também da *Tora*, originário da aristocracia sacerdotal judaica, o que explicaria a redação em coine simples (HENGEL, 1975, apud RATZINGER, 2013, p. 195).

Sobre a autoria e a credibilidade histórica do Evangelho de João, também contestada por Bultmann, Ratzinger (2013, p. 196 -197) cita diversas passagens (Jo 1,18; 35.40; 13,23.25; 18,15s; 19,26.35; 20,2-10; 21,7), que demonstram ser o escrito fruto de uma testemunha ocular, de alguém que tem uma concepção particular do mistério, mas cujo nome não é citado em nenhum momento no Evangelho. Detendo-se, especificamente, na questão da credibilidade histórica, Ratzinger, citando Hengel, diz:

(...) Ceticismo radical leva ao erro aqui tanto como uma confiança ingênua. Por um lado, aquilo que não pode ser provado como histórico também não pode ser tomado como simples ficção, por outro lado, a última palavra para o evangelista (e a sua escola) a quem a tem não é a 'histórica', banal recordação do passado, mas sim o Espírito que explica e introduz na verdade" (p. 322) (1975, apud RATZINGER, 2013, p. 200-201).

Ratzinger vê a associação entre o *logos* e o *factum*, expressa no Evangelho de João, através da ação de recordar e defende que

(...) a autêntica pretensão do Evangelho é ter transmitido corretamente o conteúdo dos discursos, do autotestemunho de Jesus nos grandes confrontos de Jerusalém, de tal modo que o leitor encontre o conteúdo decisivo desta mensagem e nela a figura autêntica de Jesus" (RATZINGER, 2013, p. 201).

O *Logos* é origem, caminho e o próprio fato, que ao ser recordado estabelece "uma relação interior com o acontecimento", "vê os processos na sua relação e ensina a compreendê-los" (RATZINGER, 2013, p. 201). A recordação não é individual, um ato psicológico ou intelectual, mas "um acontecimento pneumático" que se dá numa dimensão eclesial, relacionando palavra e realidade:

O Evangelho vem do recordar humano e pressupõe a comunidade daqueles que recordam, neste caso, a escola de João e ainda antes a comunidade de discípulos. Mas, porque o autor pensa e escreve com a memória da Igreja, então o nós ao qual ele pertence se abre para além do que é próprio e é conduzido profundamente pelo Espírito de Deus, que é o Espírito da verdade. Neste sentido, o Evangelho, por sua vez, abre também um caminho da compreensão, que permanece sempre ligado a esta palavra e que, no entanto, pode e deve conduzir sempre, de geração em geração, para a verdade total (RATZINGER, 2013, p. 205-206).

Percebe-se, nestas afirmações do teólogo alemão, que a assimilação do termo *logos* pelo cristianismo abarca todos os sentidos originários da palavra e que brota de um fato: o Pai envia o Verbo, que se faz carne. Esta realidade permite vislumbrar uma mística verdadeira, que se dá no ato de abertura à ação do Espírito Santo.

Torna-se assim claro que os discursos de Jesus no Evangelho de S. João não são disputas sobre questões metafísicas, mas sobre questões que transportam em si toda a dinâmica da história da salvação e ao mesmo tempo se encontram enraizadas na criação. Em última instância, elas remetem para aquele que pode simplesmente dizer de si mesmo: Eu sou. Torna-se evidente como os discursos de Jesus remetem para a liturgia, e nessa medida para o “sacramento”, e ao mesmo tempo incluem o questionar e o procurar de todos os povos (RATZINGER, 2013, p. 208).

Através das grandes imagens do quarto Evangelho, Ratzinger assevera que os elementos naturais, especialmente a água, a videira e o vinho, o pão e o Pastor, se tornam símbolos históricos-religiosos para ilustrar o mistério da redenção operada por Cristo.

O autor demonstra como a água, no Evangelho de João, é “um elemento originário da vida e por isso também um dos símbolos originários da humanidade” (RATZINGER, 2013, p. 209). Diferentemente da religião grega, em que os deuses continuavam sempre como entidades exteriores e opressoras, o cristão se torna participante da vida divina e de sua fecundidade, pelo Batismo, que o torna um só com Cristo, pois ele é fonte de vida eterna, “que de um modo superabundante se comunica” (RATZINGER, 2013, p. 216).

Quando analisa a imagem da videira e do vinho, Ratzinger exprime como elementos típicos da cultura do povo mediterrâneo adquirem relevância para o cristianismo. O autor centra-se, especialmente, nas passagens das Bodas de Caná (Jo 2,1-12) e no discurso de despedida de Jesus, no qual ele declara ser a verdadeira videira (Jo 15,1-10). Aqui Ratzinger evidencia como Cristo se apresenta como autor da nova criação, doador do novo vinho, que brota de sua total doação. Quem permanece com Cristo, ligado a ele, experimenta do sinal da superabundância de Deus, que é a sua “glória”. O cristão participa das núpcias do Cordeiro de Deus com o seu povo, iniciada com a vinda de Jesus. “A promessa final dos tempos irrompe já”, pois o “*logos* divino” é “o verdadeiro doador do vinho”. Jesus é o *logos* de Deus, o próprio Deus, que na história de Caná revela “o mistério do *logos* e de sua liturgia cósmica, na qual é radicalmente alterado o mito de Dionísio e, portanto, trazido para a sua verdade escondida” (RATZINGER, 2013, p. 219). Mais importante ainda, é que Cristo se revela como o doador e ao mesmo tempo a própria videira, quando diz: “Eu sou” (RATZINGER, 2013, p. 221).

Ele se deixou plantar na terra. Ele entrou na videira: o mistério da encarnação, do qual S. João tinha falado no prólogo, é aqui de novo

retomado de modo surpreendente. (...) Essa videira nunca mais poderá ser arrancada, nunca mais pode ser abandonada ao saque: ela pertence, definitivamente, a Deus por intermédio do Filho, o próprio Deus vive nela. A promessa tornou-se irrevogável, a unidade, indestrutível (RATZINGER, 2013, p. 225).

A unidade com o divino, apregoada pelos gregos, finalmente se opera por Cristo, com Cristo e em Cristo, o que nos remete a outra grande imagem de João: o pão. Símbolo da vida para diversas religiões, agora o pão se torna o corpo do próprio Deus, “portador da presença de Cristo, porque ele mesmo leva em si o mistério da paixão, une em si morte e ressurreição” (RATZINGER, 2013, p. 235). E dele nos alimentamos.

Deus torna-se “pão” para nós em primeiro lugar na encarnação do *logos*: a palavra toma a carne. O *logos* torna-se um de nós e coloca-se em nosso nível, entra naquilo que a nós é acessível. Mas, além da encarnação, do fato de a palavra se tornar homem, é ainda necessário dar outro passo, ao qual Jesus se refere nas palavras conclusivas do seu discurso: a sua carne é vida “para” o mundo (Jo 6,51). Assim, para lá do ato da encarnação e que é o seu objetivo final e a sua última realização está: a oblação de Jesus na morte e o mistério da cruz (RATZINGER, 2013, p. 233).

Por último, Ratzinger analisa a imagem do Pastor, que aparece em todos os evangelhos, como elemento que caracteriza a sua missão e traz em seu bojo uma longa história. No Antigo Testamento, a imagem do pastor é caracterizada por aquele que reconduz a ovelha perdida, trazendo-a de volta ao rebanho, cuidando de suas feridas, sem descuidar-se das demais (cf. Ez 34,13.15-16). Contudo, os evangelhos apontam para a imagem do pastor ferido de Zc 13,7 que, em outra passagem, Zc 12,10.11;13,1, faz referência ao mito do Adadremom, deus da vegetação que morria e ressuscitava, cuja festa era celebrada com lamentações rituais. Associa também ao servo de Deus do Deutero-Isaias, mas se detém em Zc 2,10, ao terminar o relato da Paixão do Senhor, citando esta passagem. “Agora é claro: aquele que foi morto e é o redentor é Jesus Cristo, o crucificado” (RATZINGER, 2013, p. 237-238).

Ratzinger aponta que, no discurso sobre o pastor do Evangelho de João, Jesus se apresenta, primeiramente, como “a porta das ovelhas” (Jo 10,7) para depois afirmar “Eu sou o bom pastor”. Expressa assim que Cristo é a referência do verdadeiro pastor, que deve permanecer unido a Cristo. Aquele que recebe o ministério pastoral deve entender que as ovelhas não seguem a voz do enviado, mas sim de Jesus, em nome do qual e pelo qual os pastores vão ao encontro das ovelhas. No fim de tudo, é o próprio Jesus que conduz o rebanho, como autêntico pastor que dá a vida e em abundância (Jo 10,10).

Apesar de não existir uma referência direta às outras imagens, especialmente a do pão, a imagem do Pastor recapitula todas as imagens

anteriores, pois “Deus instituiu como pastor o seu filho “primogênito”, o *logos*”, que é Jesus, “palavra de Deus encarnada”, “pastor”, “alimento”, “verdadeira pastagem”. Por ser a vida, Jesus se dá livremente em favor dos outros (Jo 10,17s). “Jesus não dá “algo”, mas dá a si mesmo. Ele dá a vida” (RATZINGER, 2013, p. 241-242), e as ovelhas lhe pertencem não como coisas, “mas como pessoas criadas por Deus, à sua imagem”. Por conhecer e amar as ovelhas, “não as usa, mas dá a sua vida por elas. Assim como estão intimamente relacionados o *logos* e a encarnação, o *logos* e a paixão, assim também, em última análise, conhecer e dar-se formam uma unidade” (RATZINGER, 2013, p. 243).

O *logos* que se tornou homem em Jesus, é o pastor de todos os homens, pois que todos foram criados pela única palavra; a partir do *logos* e na sua orientação para ele, em todas as suas dispersões, formam uma unidade a partir do verdadeiro pastor, a partir do *logos*, que se fez homem para dar a sua vida e assim oferecer vida em plenitude (Jo 10,10) (RATZINGER, 2013, p. 245).

O *logos* encarnado é o verdadeiro “guardador de rebanhos” – o pastor, que vai atrás de nós por entre os espinhos e os desertos da nossa vida. Transportados por Ele regressamos para casa. Ele deu a sua vida por nós. Ele mesmo é a vida (RATZINGER, 2013, p. 246).

Conclusão

O termo *logos* acompanha a trajetória de J. Ratzinger/Bento XVI no seu processo de amadurecimento teológico, que transitou entre a filosofia e a teologia, alcançando a sua ação pastoral fundamentada na Sagrada Escritura, inclusive no seu pontificado, nos quais os escritos joaninos foram norteadores, como se depreende na carta encíclica “*Deus Caritas Est*” (1Jo 1,1).

Assim, J. Ratzinger/Bento XVI, pautando-se no Evangelho de João, percorre os diversos sentidos do conceito filosófico da palavra *logos* e vê emanar, de modo especial, dos escritos joaninos, a face real de Jesus Cristo, princípio ordenador de todo o cosmos e da razão, que une todos os seres humanos a Si.

Como o único bem necessário, Cristo ilumina a razão humana, sem deixar que o homem fique a vagar pelas estradas da vida a esmo, pois orienta-o para o Bem e para a Verdade, que é Ele mesmo. Desta forma, confere sentido real à existência humana e aponta para uma realidade futura plena de esperança. Restaura a alma do homem, não deixando que ele morra, mas conferindo-lhe a graça divina que une a pessoa humana à vida verdadeira, que emana diretamente da fonte, Jesus Cristo, aquele que dá tudo em abundância, por amar sem restrições.

Referências

- BENTO XVI, PP. *A infância de Jesus*. São Paulo: Planeta, 2012. p. 11-20
- _____. *Deus Caritas Est*. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- _____. *Jesus de Nazaré: primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007. p. 193-246
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. 10ª reimpressão. 2015.
- BORN, A.V.D. *Logos*. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1977. p. 898-899
- CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. *Logos* In: *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 121
- RATZINGER, J. *Dogma e Anúncio*. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 96-97
- _____. *Introdução ao Cristianismo*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- SPRINGSTED, E. O.; ALLEN, D. *Filosofia para entender teologia*. 3. ed. Santo André: Paulus, 2010. p. 14-77.
- TUNÍ, J.O. *Escritos joaninos e cartas católicas*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1999. p. 103

Artigo recebido em 11/12/2020 e aprovado para publicação em 07/01/2021

ISSN online 2763-6992

ISSN impresso 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v20i39-2021-2>

Como citar:

CUNHA, Ariadini Silva da; NEVES, Michelle Figueiredo. O *logos* segundo o pensamento de Joseph Ratzinger/Bento XVI: uma reflexão introdutória. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 39, p. 37-52, jan./jun. 2021. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br